



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ROSANA DO NASCIMENTO GOMES MELO

**AS ASSOMBROSAS CURAS DA LYMFOTERAPIA:
JOSÉ FÁBIO DE LYRA E AS VACINAS FEITAS COM A “SEIVA DA VIDA”**

GUARABIRA – PB
2016

ROSANA DO NASCIMENTO GOMES MELO

**AS ASSOMBROSAS CURAS DA LYMFOTERAPIA:
JOSÉ FÁBIO DE LYRA E AS VACINAS FEITAS COM A “SEIVA DA VIDA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciada em História.
Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares
Júnior

GUARABIRA – PB
2016

ROSANA DO NASCIMENTO GOMES MELO

**AS ASSOMBROSAS CURAS DA LYMFOTERAPIA:
JOSÉ FÁBIO DE LYRA E AS VACINAS FEITAS COM A “SEIVA DA VIDA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciada em História.
Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares
Júnior

Aprovada em _____ de outubro de 2016.

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientador

Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

Agradecimentos

A Deus, pela beleza e o presente da vida, por ter me dado coragem e força para persistir e lutar pelos meus objetivos. Nas horas mais tristes, em que pensei em hesitar, foi a minha fé que sempre me fez levantar, mesmo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu querido orientador *Azemar dos Santos Soares Júnior*, que sempre esteve comigo oferecendo todo o suporte necessário para a realização deste trabalho. Sempre muito prestativo, atencioso, dedicado, e, a quem sou muito grata por tudo. Confesso que não poderia ter escolhido orientador melhor.

As minhas professoras *Joedna Reis de Meneses* e *Edna Nóbrega de Araújo* que muito me ensinaram no decorrer do curso de História. Foram professoras que me inspiraram e me fizeram amar ainda mais as aulas de História. As donas de olhares sinceros, agradeço pela colaboração na leitura e indicação de apontamentos feitos a esse trabalho.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por ter me oferecido a oportunidade de estudar e fazer parte do curso de História, ao qual me faz amadurecer e perceber o mundo ao meu redor com um olhar mais crítico da realidade.

A minha família em especial a minha mãe *Rosa Gomes* e meu pai *Pedro Gomes*, pelo amor, apoio e dedicação que sempre me ofereceram. Ao meu companheiro *Ennio Melo*, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me incentivando sempre a nunca desistir. Aos meus irmãos, *Neide*, *Rosalva*, *Rosália* e *Pedrinho*, que sempre acreditaram em mim.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar a atuação dos chamados médicos populares, ou curandeiros, em especial *José Fábio Lyra*, que desenvolveu um método de cura chamado lymfoterapia na cidade de Bananeiras, localizada no brejo paraibano nos primeiros anos do século XX. A lymfoterapia consistia na fabricação e aplicação de vacinas feitas com a saliva de crianças sadias com o objetivo de assegurar a cura para as mais diversas enfermidades. A vacina do cuspe, como ficou conhecida, era um dos mecanismos de cura utilizados por curandeiros num momento em que o número de médicos responsáveis por atender a população era bastante pequeno. Dessa forma, discutimos o tema da medicina a partir de Michel Foucault (1979) ao pensar a institucionalização do médico e o controle de corpos por meio de normas. Assunto problematizado através das publicações do jornal *A Noite*, disponível na Hemeroteca Digital e dos relatos publicados por Oscar Oliveira de Castro em *Medicina na Paraíba* (1945). Conclui-se que, apesar do crescimento no número de médicos, esses ainda eram poucos no interior do estado da Paraíba, assim, as práticas de cura permaneciam sob o controle dos práticos.

Palavras-chave: Medicina, cura e doença.

Abstract

This course conclusion work aims to analyze the performance of popular medical called, or healers, especially José Fábio Lyra, who developed a method of healing called lymfoterapia in the city of Bananeiras, located in Paraíba swamp in the early years of the twentieth century. The lymfoterapia consisted of the manufacture and application of vaccines made with the saliva of healthy children in order to ensure a cure for various ailments. The spittle vaccine, as it became known, was one of healing mechanisms used by healers at a time when the number of doctors responsible for serving the population was quite small. Thus, we discuss the subject of medicine from Michel Foucault (1979) to think the institutionalization of medical and control bodies by standards. Subject questioned through newspaper publications Night, available in Digital Newspaper Library and reports published by Oscar de Oliveira Castro in Medicine in Paraíba (1945). We conclude that, despite the growth in the number of doctors, these were still scarce in the state of Paraíba, thus healing practices remained under the practical control.

Keywords: Medicine, healing and disease.

Lista de quadros

Quadro I – Práticos populares na Paraíba	14
Quadro II – Médicos que atuavam na Paraíba	18

Sumário

	Agradecimentos	i
	Resumo	ii
	Abstract	iii
	Lista de quadros	iv
	Sumário	v
1	INTRODUÇÃO	01
	Fragmentos de uma trajetória	01
	Apontamentos sobre as práticas de cura	02
	Disposição do texto	06
2	MEDICINA, MÉDICOS E CHARLATÕES: SABERES E PRÁTICAS POPULARES	13
3	A CURA POR MEIO DA VACINA DE CUSPE: JOSÉ FÁBIO E A LYMFOTERAPIA	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

Introdução

Fragmentos de uma trajetória

Antes de prestar vestibular, confesso que ainda não sabia em que curso queria me formar. A primeira tentativa no vestibular, não foi destinada para o curso de História. Foi nas aulas do curso preparatório pré-vestibular que nasceu o interesse. Prestei a seleção da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em 2012. Há quatro anos, a história adentrou minha vida de forma profunda e encantadora. Confesso que a História sempre me fascinou. Dentre as muitas possibilidades que a disciplina oferece, acabei me aproximando do campo da *História da Saúde e das Doenças*. Esse fato, deu-se aos debates gestados nas aulas dos professores Azemar Soares, Joedna Meneses, Susel Rosa e Carlos Adriano. Estudar história, ao passar dos semestre se transformou numa das coisas mais gostosas da vida.

Quando iniciei a disciplina de História Contemporânea II, na época ministrada pelo professor Azemar dos Santos Soares Júnior, tive a certeza de que deveria aventurar pelo campo da História da Saúde e das Doenças. Foi o ponto chave, já não me restavam dúvidas sobre o campo de estudo para a meu Trabalho de Conclusão de Curso. Recordo-me, que no decorrer das aulas o professor dividiu a turma para a apresentação de um texto. O grupo em que eu estava inserida apresentou o texto intitulado: “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)”. Estes escritos me mostravam a possibilidade de unir o útil ao agradável. Na primeira leitura, já fiquei encantada, por ser um tema também que me traz muita coragem e entusiasmo de pesquisa.

Meses depois, procurei o professor Azemar para que o mesmo fosse meu orientador. A princípio, pensava em discutir o tema da higienização, porém ainda precisávamos fazer escolhas, recortes. Foi nessa ocasião que Azemar me apresentou a “José Fábio e a lymfoterapia”. Na época eram poucas as informações que possuíamos: um curandeiro que viveu em bananeiras e desenvolveu uma vacina que curava toda sorte de doenças. Assim, sugeriu que

eu pesquisasse algo sobre o assunto. Iniciamos as leituras, levantamos questionamentos, buscamos informações.

Não foi tarefa fácil. As respostas sobre José Fábio eram negativas ou vazias. Confesso que pensei em desistir, mas a vontade de escrever era maior, então resolvemos ir a Bananeiras a procura de informações mais precisas. Lá, descobrimos algumas informações: se confirmava sua existência, a aplicação das vacinas, o atendimento em sua farmácia. Em contato com alguns de seus descendentes, percebemos um certo ressentimento em relação a fama de “curandeiro”. Eles preferiam trata-lo por farmacêutico. Achavam o termo pejorativo, portanto, não aceitavam que José Fábio fosse assim identificado. Percebemos ainda no olhar das pessoas, ao falar sobre José Fábio, uma sinceridade, uma certa motivação e a defesa de um “homem digno de respeito e admiração”. A história de José Fábio me encantou pelo fato de como ele conseguiu desenvolver um método considerado enigmático, estranho, anti-higiênico, porém capaz de encher os olhos de qualquer leitor/pesquisador de curiosidade. Tudo estava definido: tínhamos um tema, um recorte temporal e espacial, um problema a ser resolvido, fontes para problematizar e muito trabalho a fazer.

Apontamentos sobre as práticas de cura

O presente trabalho tem por objetivo analisar a atuação dos chamados médicos populares, ou curandeiros, em especial *José Fábio Lyra*, que desenvolveu um método de cura chamado lymfoterapia na cidade de Bananeiras, localizada no brejo paraibano nos primeiros anos do século XX. Para tanto, fizemos uma análise sobre os profissionais da saúde que exerceram suas funções "ilegalmente" na Paraíba. A prática da *lymfoterapia*, praticada por José Fábio, método que chamou a atenção de toda uma região, proporcionou novos olhares sobre a medicina paraibana. Os curandeiros, usavam em suas práticas, diversos métodos naturais e suas habilidades na tentativa de encontrar o antídoto para a cura. A preferência de grande parcela da população era notória, uma vez que as pessoas confiavam no atendimento dos curandeiros.

Até as primeiras décadas do vigésimo século, a presença de médicos em algumas regiões do interior do estado eram bastante parcas, fazendo com que

a arte de curar estivesse quase que exclusivamente sob o controle desses práticos. Assim, a perseguição por parte do governo local, e, pelos médicos, a esses curandeiros se tornaram mais frequentes em meados do século XX, período que se consolida a institucionalização da profissão médica na Paraíba.

Buscamos nesse trabalho, entender a ideia de imunização da cura, necessária a todo um aparato médico-sanitário da época, proporcionando um maior envolvimento no cenário de atuação dos práticos populares. O ambiente higiênico em que se encontrava inserida a Paraíba não era um dos mais agradáveis, ao contrário, a sujeira parecia estar por toda a parte e com ela o mal cheiro se proliferava no ar. Dessa forma, vale ressaltar que o brejo paraibano, conhecido por seu clima ameno registrando baixas temperaturas, tornou-se cenário propício para o surgimento de determinadas doenças que dizimou homens e mulheres, devido também as constantes taxas de mortalidades decorrentes das graves epidemias locais.

Para tanto, foi necessário um estudo mais aprofundado sobre as formas de conceber a medicina. Em *Microfísica do Poder* (1979), Michel Foucault descreveu a existência de uma medicina moderna e uma medicina social que se uniram e que se assemelham. Entre o paciente e o médico existia certa convivência, a medicina estava preocupada com o outro, e que ambas possuíam aspectos em comum, pois “[...] a medicina é uma prática social, que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente” (FOUCAULT, 1979, p. 79). A medicina não se classificava como individualista, mesmo que se tenha tido essa características em séculos passados, mais precisamente o século XVIII. A medicina individualista, estaria enquadrada dessa forma por estar associada aos meios de produção, ao capital, ou a necessidade de possuir corpos limpos, saudáveis, para o mercado de trabalho. Para Foucault (1979, p. 80), com

[...] o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo se desenvolvendo em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho.

No momento havia uma medicina que se preocupava com o indivíduo e suas necessidades, mesmo que se permitiam no século XVIII, dúvidas a respeito, dúvidas essas se a medicina esteve realmente interessada no bem estar populacional. Se formos analisar como a medicina paraibana se configurava no decorrer do oitocentos e início do novecentos, perceberemos que ela esteve mais focada em um saber popular, do que a medicina propriamente dita, já que a mesma ainda emergia e que era de privilégio de uma pequena minoria elitizada, fazendo com que seja a maioria da população não fosse contemplada com esse atendimento. Sabemos assim, que os médicos diplomados não davam conta de atender toda uma demanda populacional, fazendo com que a população, em especial no interior do estado se deixasse influenciar por práticas de curas consideradas “ilícitas”. Os esculápios que pela paraíba circulavam, faziam parte daquilo que Michel Foucault (1979) chamou de *bio-política*: o corpo e a medicina se configuravam como uma estratégia de controle.

A proposta de uma medicina voltada a saúde do corpo, pode ser inserida na lógica do capitalismo em ascensão no século XIX. As doenças vendiam, geravam lucros, controlavam hábitos, disciplinavam corpos. Normas vão sendo ao longo do tempo criadas como estratégia aos meios de produção, pois se antes, apenas o corpo estava ligado à saúde aos cuidados médicos, surgia mais adiante, um meio também de levar para uma sociedade, uma forma de disciplina desse corpo, uma urgência, uma “socialização” para esses indivíduos. Normas que começam a se modificar a partir de uma necessidade imposta, onde o que importava era o controle de corpos e o lucro do sistema capitalista

Foi na Alemanha, em fins do século XVIII e início do século XIX que surgiu a conhecida medicina de Estado, que segundo Foucault (1979, p. 85),

[...] nenhum Estado ousou propor uma medicina tão nitidamente funcionarizada, coletivizada, estatizada, quanto a Alemanha dessa época. Vê-se, por conseguinte, que não passou de uma medicina individual a uma medicina pouco a pouco e cada vez mais estatizada, socializada. O que se encontra antes da grande medicina clínica, do século XIX, é uma medicina estatizada ao máximo.

Tem-se assim na Alemanha, uma medicina estatizada, sob a responsabilidade do governo. Já na França do século XVIII, é aperfeiçoada uma medicina que é destinada ao espaço urbano, onde há uma necessidade de limpeza e higiene desse espaço urbano, principalmente em ambientes propícios a proliferação de doenças e pestes. A preocupação estava voltada para as doenças e epidemias que eram trazidas pelo ar e também pela água, segundo a teoria dos miasmas. Tratava-se de uma medicina que estava mais centrada no ambiente de convivências das pessoas, nos demais espaços públicos e privados. Mostrava-se mais influente e preocupada com a saúde pública, em direção as cidades, a purificação do ar e da água. Diferentemente da medicina que estava envolvida com o poder do Estado, a medicina urbana estava,

[...] bastante longe da medicina de Estado, tal como é definida na Alemanha, pois se trata de uma medicina muito mais próxima das pequenas comunidades, das cidades, dos bairros, como também não é ainda dotada de nenhum instrumento específico de poder (FOUCAULT, 1979, p. 93).

Michel Foucault deixa claro a existência de alguns sentimentos de medo e o pânico de certos assuntos como as doenças, epidemias, morte. Como havia toda uma política de urbanização e reforma das cidades, ter medo das epidemias era algo normal, mas se desenvolveu o que Foucault (1979, p. 87), intitulou de “medo urbano”, no que se caracterizava por,

(...) medo da cidade, angustia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo também das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo perigo de desmoronar.

A medicina urbana foi definida como única e exclusiva medicina das “coisas”, pois, “não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições,

fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência.” (FOUCAULT, 1979, p. 92).

Medicina que “deveria” ser na época o antídoto contra as doenças, o medo e a morte. Medicina que tornou-se tema para os estudos escritos através da História Cultural. Trabalhos que na historiografia paraibana, ainda precisam ser feitos. Quando o assunto é História da Saúde e das Doenças, nos deparamos com alguns trabalhos já produzidos, a exemplo de “Medicina na Paraíba” (1945) de Oscar Oliveira de Castro, que timbrou em suas páginas documentos e relatos sobre médicos, curandeiros, rezadeiras, formas de curar na Paraíba; “Relatos de Males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial” (2005) de Alarcon Agra do Ó, no qual se problematiza de forma mais geral a grande quantidade de enfermidades que se abatia sobre a população paraibana; o texto de Azemar dos Santos Soares Júnior, intitulado “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)”, publicado no ano de 2015, que tratou de entender as condições de higiene do Estado da Paraíba e as epidemias – Peste Bubônica e Gripe Espanhola – que dizimou dezenas de vidas; a dissertação de mestrado de Leonardo Querino dos Santos, “Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social (1911-1929)” (2015), que tratou de discutir a institucionalização da profissão médica na Paraíba; dentre outros. Apesar da carência de trabalhos na área mediante a grande quantidade de temas e fontes disponíveis aos historiadores, acreditamos ser essa pesquisa mais uma lacuna preenchida e o surgimento de novos questionamentos que sugerem outras propostas de pesquisa.

Disposição do texto

Contar uma história sobre um prático, um método de cura, relatos de doenças e a perseguição a essa prática só foi possível graças as fontes garimpadas ao longo da pesquisa. O primeiro relato sobre o método da lymfoterapia e seu criador, foi encontrado no livro *Medicina na Paraíba* (1945) de Oscar Oliveira de Castro. Ao falar sobre os curandeiros da Paraíba, o autor reservou duas páginas de seu texto para contar um pouco sobre as práticas de cura de José Fábio.

Em visita aos arquivos municipais da cidade de Bananeiras, nada encontramos. Apenas no diálogo com alguns de seus descendentes, ficamos sabendo da existência de livros escritos pelo dito farmacêutico¹. Aqui e ali, nos deparávamos com parcas notícias que faziam referência a José Fábio.

Numa rápida consulta a Hemeroteca Digital, encontramos, talvez o mais importante documento a ser problematizado nesse texto. Intitulada “Voronoff brasileiro”, a entrevista sobre o método da lymfoterapia e aspectos da vida do farmacêutico fora publicada na edição de 11 de agosto de 1936 do jornal carioca *A Noite*. Duas de suas páginas foram reservadas a publicação na íntegra dessa entrevista.

Afirmamos que as poucas fontes encontradas foram suficiente para dar respostas as inquietações iniciais. Afirmamos ainda, que a análise dessas fontes, possíveis graças ao advento da História Cultural, que segundo Peter Burke (2007) é a mais eclética por abordar a cultura, foram realizadas de forma atenta, capaz de fazê-las falar. Assim, tratamos de ouvir seus sussurros. Silêncios que gritavam em nossos ouvidos. Textos que produziram outros textos.

Dessa forma, apresentamos ao leitor a forma como organizamos o texto: após contar os caminhos que nos levaram a essa pesquisa e as discussões teórico-metodológicas que embasaram essa pesquisa, oferecemos a leitura do *primeiro capítulo* intitulado “Medicina, médicos e charlatões: saberes e práticas populares” no qual discutimos a atuação da profissão médica legalizada ou não, as práticas de cura, os saberes produzidos por aqueles que dedicavam sua vida a arte de curar; em seguida, apresentamos o *segundo capítulo*, que dedicamos a análise da lymfoterapia e as práticas de cura de José Fábio Lyra. Convidamos o leitor a adentrar nesse texto, a conhecer um pouco daquilo que gostamos de pesquisar: História da Saúde e das Doenças.

¹ Até o presente momento, não encontramos os exemplares desses livros.

Capítulo I

Medicina, médicos e charlatões: saberes e práticas populares

A medicina na Paraíba entre os séculos XIX ao XX e as conhecidas práticas de cura vigentes na época pelos chamados médicos populares foram primordiais para entender como a dita “arte de curar” que predominou no cenário medico paraibano. Faz-se necessário entender características da sociedade paraibana que contribuíram para o surgimento e proliferação dos surtos epidêmicos, a propagação de doenças, a falta de educação higiênica ou aos maus hábitos da populacional local. Características que faziam circular miasmas, moléstias, epidemias, morte. Uma sociedade que vivia em más condições de higiene, bem como, em precárias infraestruturas existentes.

O fato é que faltavam médicos para uma demanda populacional bastante superior, já que o número de médicos profissionalizados era pequeno, e, porque ainda não se havia institucionalizado na Paraíba a atuação médica. Embora a documentação acerca da atuação médica na Paraíba já registre a existência de esculápios contratados enquanto funcionários e pago pelo Estado Imperial, sua forte atuação parece ter se consolidado no início século XX, abrindo assim, possibilidades de novas atuações e iniciando o combate aos práticos populares também conhecido por curandeiros.

Os curandeiros utilizavam em suas habilidades de cura, plantas, ervas e rezas, bem como outros conhecimentos médicos/naturais necessários às formas de tratamentos dos males existentes que tanto assolavam a população. Boa parte da população local via com respeito a oportunidade de se consultarem com esses práticos, visto que o grande contingente populacional da época não possuíam condições de se consultarem com diplomados em medicina. Dessa forma, esse capítulo tem por **objetivo** analisar a atuação de curandeiros e médicos na arte de curar na Paraíba na transição do século XIX para o século XX.

Sobre à falta de médicos profissionais, Leandro Querino dos Santos (2015, p. 55), assinala que

a precariedade, portanto, marcava a atuação desses primeiros médicos públicos na Paraíba. O atendimento à população era bastante limitada. Faltavam recursos, materiais indispensáveis ao trabalho médico. A demanda da sociedade paraibana era muito superior às possibilidades de prestação de serviços deste profissional.

Na maioria das vezes restavam os curandeiros que exerciam sua função de médico clandestinamente. Existia, na Paraíba, uma grande quantidade de curandeiros, farmacêuticos, benzedeiros e parteiras que exerciam a profissão de médico em prol de ajudar as pessoas mais necessitadas financeiramente. Em pesquisa realizada sobre esses práticos foi possível identificar alguns que ficaram conhecidos por seus préstimos a população, conforme o quadro abaixo:

**Quadro I:
Práticos populares na Paraíba**

	Práticos	Local de atuação
01	Joana Pé de Chita ²	Santa Rita
02	José Côxo	Não localizado
03	José Fábio da Costa Lira (Major Fábio)	Bananeiras
04	Maria Archanja	Não localizado
05	Pedro Paulo da Cunha Melo	Areia

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das fontes consultadas.

A lista é bem mais ampla, aqui optamos por identificar alguns que ficaram bastante conhecidos devido a seus métodos de cura. Exemplo disso, é a *lymfoterapia*. Destacamos dentre os métodos mais famosos, àquele exercido por José Fábio da Costa Lira na cidade de Bananeiras, localizada no brejo paraibano. Esse curandeiro, que trataremos com mais ênfase no capítulo seguinte, se intitulava farmacêutico e ficou bastante conhecido no estado graças ao método da *lymfoterapia*, no qual usava-se saliva de crianças sadias para a fabricação de uma vacina para pessoas diagnosticadas com a tuberculose. Nesse antídoto, José Fábio “utilizava a saliva, a qual injetava nos doentes, após um tratamento especial, por ele praticado. Denominava o seu método de

² Há muitas histórias acerca da figura de Joana Pé de Chita. Ela morou em vários povoados da cidade de Santa Rita. Mudava-se de casa constantemente graças as perseguições que sofria pela polícia. Um de seus nomes "Joana Pintada" foi-lhe atribuído graças a uma marca de tiro que tinha em uma das pernas, fruto de uma perseguição. Era conhecida na região por ensinar remédios naturais e dar passes espirituais. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Alhandra, terra da Jurema (Cf. LIMA, 2015).

lymfoterapia” (CASTRO,1945, p. 285). Fazendo o uso dessa vacina, afirma os documentos, revelavam-se resultados positivos sobre os pacientes que recebiam o medicamento.

Conforme Alarcon Agra do Ó (2005, p. 12), a Paraíba foi o estado brasileiro que mais sofreu com as epidemias no século XIX. O elevado número de mortes, em que a população se via frágil e não imune a tantos males, estava com mais vigor principalmente no período colonial, propagando doenças, facilitando o contágio e até mesmo propiciando a morte de várias pessoas. No qual, “não seria diferente na Paraíba: a província sofreu, durante todo o século XIX, não apenas com um rol infinito de doenças, tornadas banais na sua paisagem, como também com vários surtos epidêmicos” (AGRA, 2005, p. 12).

A lista de enfermidades que ceifaram almas na Paraíba era bastante numerosa. Foi sobre essas doenças que Leite (1997, p.203 apud AGRA, 2005, p.12) exclamava:

[...] quando as febres e a cólera dizimaram arraiais em pânico, já castigados pela multiplicação de casos de bócio, cegueira e tuberculose, afora as doenças infantis e adultas que não se conheciam as causas.

Contudo, podemos denominar parte da população da Paraíba do século XIX como doentia e fraca, fazendo com que a busca pela saúde se tornasse o caminho que levava até os médicos populares. Esses práticos, por sua vez, exerciam suas atividades medicinais, e ao mesmo tempo em que eram procurados e solicitados pelas demais classes populares, possibilitou que os mesmos usassem de suas funções ilegalmente, visto que a maioria da população mais pobre não tinha condições financeiras para serem atendidas por profissionais diplomados e que também era artigo raro. Sobre as péssimas condições em que se encontrava a medicina paraibana, Alarcon Agra do Ó (2005, p. 30) afirma que

[...] na medicina de então iriam se misturar, meio aleatoriamente, práticas curativas consensuais por entre a população mais humilde e terapêuticas científicas. Os tratamentos eram difíceis, ainda mais porque quando associavam estes saberes do cotidiano das populações afetadas, percebiam o mundo como um estranho jogo de

similitudes e diferenças cuja combinação levaria a uma certa harmonia (a saúde, no caso em questão), com saberes médicos, cientificistas, o resultado de tal combinação findava por ser um amálgama de raros resultados positivos.

O campo médico no Brasil, no século XIX, ainda estava se consolidando. Contava-se apenas com as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro (Cf. SCHWARCZ, 1993). Portanto, podemos afirmar que a medicina no Brasil ainda estava num processo de desenvolvimento e a figura do médico algumas vezes estava relacionada ao “salvador”, a quem poderia salvar homens e mulheres da doença e da morte. Porém, nem tudo era possível: quando os pacientes não conseguiam se recuperar de alguma enfermidade, culpavam o médico de não ter conseguido acabar definitivamente com determinada doença. Tudo era incorporado pelo médico, levando à tona suas emoções e sentimentos frustrantes,

[...] para este médico o envolvimento emocional com os seus pacientes, especialmente quando ele não consegue curar o enfermo ou sanar as dores daqueles que sofrem, exerce pesadíssima pressão sobre o médico, afetando seu organismo de uma maneira tal que coloca até mesmo a sua vida em risco (SANTOS, 2015, p.47).

O médico, na Paraíba, não dispunha de determinados materiais necessários a sua profissão, bem como de medicamentos importantes a cura de determinadas doenças. Faltavam também manuais necessários ao estudo de algumas enfermidades. Porém, necessitaria ao médico, “como cientista precisa domar as subjetividades, as dele e as dos que precisam do seu socorro, para poder diagnosticar e tratar objetivamente” (SANTOS, 2015, p. 48). O médico como alguém que se doava em prol da cura, a ciência para ele era tida como primordial, necessária à efetivação e “salvação” do paciente, e quando “falhava” a desilusão era iminente.

É importante partir do contexto histórico da Paraíba, para compreender até que ponto o valor do médico estava associado ao seu ofício, ou se existia um valor que ultrapasse o lado profissional. Será que ser médico na Paraíba era tido como alguém que pudesse sanar todo o mal? Como o único e exclusivo portador de todo o conhecimento? É importante compreender esse contexto em

que estava inserida a Paraíba, compreender até que ponto o valor do médico estava imposto. Ser médico naquela época, não era tão fácil assim como se pensava. Requeria pleno e total conhecimento de sua área, seja específico ou não, o importante adivinha o que aquele médico representava para aquela sociedade que os viam com maior clamor, como alguém capaz de mudar o futuro, tem o poder de cura nas mãos, pois,

[...] ser médico na Paraíba do século XIX, era passear por todas as áreas de medicina. Esses profissionais não possuíam uma especialização, mas várias, chegando ao ponto de alguns sequer possuírem o diploma de médico. A partir da década de 1840, na cidade da Parahyba, já era possível ver esses homens circulando pelas ruas atendendo seus pacientes (SOARES JUNIOR, 2011, p. 30).

Segundo Madel Therezinha Luz (2013, p. 203): “A medicina na Paraíba difere em dois aspectos, antes considerada a “arte de curar” termo desvalorizado, para uma “medicina de ciências das doenças”. A partir daí passamos a ter uma medicina paraibana se aproximando de uma medicina científica, visto que novos olhares rondavam no sentido de impor uma medicina científica devido também a novas melhorias implantadas pelo governo paraibano, em que “ao mesmo tempo ampliavam-se os investimentos públicos na área da saúde, enquanto as elites e autoridades locais se convenciam cada vez mais de que 'civilização' e 'progresso' só podiam existir em terra sã, habitada por um povo igualmente saudável.” (SANTOS, 2015, p. 50).

A falta de médicos na Paraíba era uma constante desde o período colonial brasileiro. Segundo Oscar Oliveira Castro (1945), uma carta régia, destinada ao governador Fernando Delgado Freire de Castilho em 1836, informava quanto à necessidade de contratação de um médico para a capitania paraibana, no qual o médico José Pimenta de Lacerda de Portugal se disponibiliza para ocupar tal cargo: “José Pimenta de Lacerda ofereceu-se a El-Rei para curar na Paraíba. Isso em 1803. Se para aqui veio, é, entretanto duvidoso.” (CASTRO, 1945, p. 241).

A Paraíba também recebeu contratações de inspetorias de higiene, que segundo Castro, “somente em 1848, é que surge, em lei, referência a um médico público, com o ordenado de um conto de réis. Em 1860 encontramos o

comendador Poggi, ocupando a primeira inspetoria de higiene” (CASTRO, 1945, p. 242). Assim, alguns casos como o de João José Innocencio Poggi³, conhecido como o comendador Poggi, o primeiro a receber a função inspetor de higiene da Paraíba, teria passado despercebido aos olhares dos políticos locais, já que o mesmo não possuía uma formação para ocupar tal posto, por isso o mesmo “no século XIX, exercia o principal cargo da saúde pública local e contava com o respaldo político, social e profissional, mesmo não sendo formado em medicina” (SANTOS, 2015, p. 56).

O número de médicos diplomados, seja na Faculdade de Medicina da Bahia, seja na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e, que clinicavam na Paraíba era bastante pequeno em relação ao contingente populacional da época. Vale ressaltar, que esses profissionais ainda se dividiam entre a tarefa de medicar e curar, com outras atividades como a produção e circulação de saberes médicos, ou mesmo ocupando cargos políticos. Dentre os médicos mais conhecidos em fins do oitocentos e nas primeiras décadas do vigésimo século, destacamos alguns:

Quadro II: Médicos que atuavam na Paraíba

	Médicos	Formação
01	Chateaubriand Bandeira de Melo	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
02	Elpídio Josué de Almeida	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
03	Flávio Ferreira da Silva Maroja	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
04	Joaquim Correia de Sá e Benevides	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
05	João Tavares de Melo Cavalcante	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
06	José Maciel	Faculdade de Medicina da Bahia
07	José Teixeira de Vasconcelos	Faculdade de Medicina da Bahia
08	Manoel Velloso Borges	Faculdade de Medicina da Bahia
09	Octávio Ferreira Soares	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
10	Oscar Oliveira de Castro	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
11	Walfredo Guedes Pereira	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
12	Tito Lopes de Mendonça	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das fontes consultadas.

³ João José Innocencio Poggi não possuía formação superior em medicina. Porém conforme Soares Júnior (2015, p. 59), era considerado pelos demais médicos da Paraíba como o mais relevante e notável dentre os médicos, prestando inspeção rigorosa aos lugares insalubres e controle das obrigações médicas e da vacinação. Ocupou cargos políticos na Província da Paraíba e produziu relatórios médicos que culminou com a criação de leis em defesa da higiene pública.

Apesar de muitos desses médicos atuarem na Paraíba sem o referido diploma, essas práticas eram aceitas pelo governo, além de outras atuações,

[...] nesse momento histórico, práticas de cura diferentes da medicina, como os ofícios de parteira, sangrador e curandeiro, eram reconhecidas e autorizadas pelo órgão do governo que, até 1828, fazia a fiscalização das atividades terapêuticas em terras brasileiras – a Fisicatura-mor. Porém, nos anos 1850 a história era outra, pelo menos do ponto de vista da lei (SANTOS, 20115, p. 56).

Na capital do Império, em 1830, a Câmara Municipal tratou de dar início a perseguição aos práticos de ofício. Segundo Pimenta (2004, p.70 apud SANTOS, 2015, p. 56-57): “nenhum facultativo, boticário, parteira, ou sangrador poderá curar e exercer sua arte dentro do município sem ter apresentado suas cartas na Câmara, onde ficarão registradas”. Contudo, dificultando ainda mais a participação dos curandeiros no cotidiano brasileiro, não obstante não impedindo a sua ação.

É, segundo uma lei de 13 de agosto de 1860, que a perseguição a esses práticos se inicia também na Paraíba (SANTOS, 2015, p. 57). Logo após essa rejeição com a finalidade de pôr um fim nos trabalhos exercidos por esses conjuntos de práticos populares detectores da cura, tão solicitados por grande parcela da população, acabou virando uma corrida implacável com a intenção de aniquilar de vez esse “mal” considerado para o governo local, assim tanto na Capital do país quanto nas demais províncias que segundo Leonardo Santos (2015, p. 57) também passaram a exigir o registro das “cartas”, medicalizar a formação dos seus concorrentes significava, para o campo médico, controlar a possibilidade destes “outros” exercerem legalmente suas atividades terapêuticas. Isso representava, para a medicina científica, um passo importante no sentido de controlar o mercado dos serviços de saúde.

Além dos curandeiros, era grande a quantidade de falsários, esses mais conhecidos como Charlatões que, conforme os relatos populares, afirmavam ter o antídoto para o fim de determinadas doenças. Passando por falsos médicos, os famosos charlatões, que utilizando de procedimentos duvidosos deixavam a desejar. O cenário aparecia propício: era em demasia a necessidade de adquirir

os serviços destes homens que se diziam ter a solução para determinados males. Porém, segundo Oscar de Oliveira Castro (1945, p. 278),

[...] não se pode dizer que a Paraíba tinha sido um paraíso de charlatões muito menos que eles tenham prosperado em nosso reino. Mesmo antes do aparecimento dos médicos, quando sua existência era forçada pelas circunstâncias e no decorrer de dois séculos, vez por outra, surgiam nomes de charlatões, com ares messiânicos a conquistar verdadeiras massas humanas, manobradas pela força da sugestão.

Na Paraíba, na cidade de Areia, há registros de um caso famoso de charlatanismo o do “medico” Pedro Paulo da Cunha Melo. Mais tarde o mesmo teria sido desmascarado quando descoberto que estava sendo processado pelo crime de bigamia e estelionatário. Pedro Paulo “não passava de um oportunista” (CASTRO, 1945, p. 281). No mesmo, o termo charlatão tem um sentido plural, pois como a medicina era bastante escassa na Paraíba imperial, o cenário estava propício a esses leigos, seja para tirar proveito da situação enganando pessoas, seja para realmente como no caso dos curandeiros dar alternativas e soluções aos que mais precisassem deles.

Cada curandeiro possuía seus próprios métodos para exercerem seus procedimentos de cura, desde rezas, feitiçarias, uso de raízes de plantas medicinais. Práticas estas conhecidas como a terapêutica popular, onde solucionaria acabar com uma determinada enfermidade: “na medicina de então iriam se misturar, meio aleatoriamente, práticas curativas consensuais por entre a população mais humilde e terapêuticas científicas” (AGRA, 2005, p. 30).

As diversas práticas de cura existentes no Brasil e na Paraíba perduraram por bastante tempo, de uma forma geral se tornou possível graças o auxílio desses profissionais mesmo que não se vangloriavam de um diploma, o fato foi que conquistaram boa parte da população mais carente que não pensavam duas vezes, ao preferirem se consultarem com esses profissionais:

[...] as práticas populares de cura foram utilizadas socialmente no Brasil por vários séculos e eram desenvolvidas por leigos, os quais receberam denominações plurais: feitiçeiros, curandeiros, charlatões etc. A Medicina científica foi deixada à margem, principalmente pelas camadas mais humildes da população, além disso, pouco satisfazia as necessidades

dos doentes, pois, mal estruturada, o alto valor pecuniário e a precariedade das Santas Casas eram fatores essenciais para a sua modesta aceitação social (MOLAR, 2012, p. 303).

Curandeirismo segundo Jonathan Oliveira Molar (2012, p. 307) significava,

[...] termo que abarca uma pluralidade de significados, sendo associado, muitas vezes, aos benzedeiros, sangradores e afins. Para as classes abastadas, estes foram vistos como mágicos, via sentido pejorativo – de enganadores. Para os populares, eles explicavam aos doentes a enfermidade em uma linguagem mais simples, além da concepção do “mágico” estar atrelada às curas sobrenaturais.

Muitas vezes, eram os casos em que a população encontrava-se mais confortável a procurar um curandeiro, do que o próprio médico. A isso também se deve ao fato, desses leigos, fomentarem uma possibilidade de expansão da medicina, pois adquiriram um amplo conhecimento medicinal porque a medicina naquela época permanecia-se ainda em um processo de construção. Segundo Santos Filho (1991, p.434 apud AGRA, 2005, p.31)

[...] os serviços do profissional diplomado só eram solicitados depois do fracasso da medicação preconizadas pelo curador, que seria o chefe de família, a sua esposa, o boticário, o fazendeiro, o senhor-de-engenho, ou o próprio indivíduo, leigo, que exercia a Medicina sem estar habilitado: o curador.

O termo curandeirismo, bem como a perseguição contra esses curandeiros por parte dos médicos, os mesmo acusando-os da prática ilegal da medicina, já que a elite e demais classes abastadas, viam os curandeiros e seus métodos, como farsantes, que por alguns eram vistos como “mágicos” no sentido negativo da palavra, pois se existiam os que eram a favor das práticas de cura popular, passou de forma bastante significativa a existir aqueles que se dedicavam a combater a atuação dos curandeiros. Porém, mesmo com a perseguição aos práticos populares, a medicina passou a utilizar de técnicas usadas por esses leigos, provocando uma transformação na “medicina erudita”, onde,

[...] a partir do início do século XX, a Medicina erudita passou a utilizar algumas técnicas populares que foram cientificamente comprovadas, além de uma melhor organização de hospitais e médicos, assim, ultrapassou em poucas décadas esse segmento popular de cura, angariando para si uma boa parcela da população de menor renda (MOLAR, 2012, p. 304).

Ainda conforme Molar (2012, p. 306) não existiam hospitais suficientes no Brasil que pudesse abarcar e sanar os doentes da época. No atual momento o que permanecia além dos poucos hospitais eram as Santas Casas, onde as mesmas “possuíam precária infraestrutura. Internavam-se pacientes em um mesmo quarto com enfermidades diferentes, isto é, o risco de contrair novos males era grande, fato que afligia o doente e seus familiares.” (MOLAR, 2012, p. 306).

Percebe-se a importância e a necessidade de procurar o atendimento com os curandeiros, devido a toda essa precariedade na saúde e demais riscos de infecções predominantes nos lugares onde haviam atendimentos por parte governamental. É sabido ainda que a consulta com um curandeiro seria mais fácil de entendimento para essas pessoas mais simples, que viam com mais vigor a doença já que a linguagem do curandeiro seria mais simples e fácil de compreender.

Os curandeiros conseguiram se emergir na medida em que as classes populares se viram mais favorecidas com esses práticos, que na maioria dos casos, não pensavam duas vezes. Deixava-se de lado o atendimento com os médicos, dando preferência ao atendimento com um curandeiro. Os médicos muitas vezes ficavam como “segunda alternativa”,

[...] o médico era a segunda alternativa da população em geral, somente em casos extremos é que se buscava pela Medicina autorizada. Na maioria das vezes, as doenças já estavam avançadas e restavam poucas alternativas aos médicos. Ocorria também, em menor número, o caminho inverso, ou seja, após o tratamento com a Medicina erudita e posterior insucesso, procurava-se pelos curandeiros (MOLAR, 2012. p. 307).

Num dado momento no século XIX, os curandeiros obtiveram a licença para exercerem suas práticas de cura legalmente, onde houve uma chamada

“paz” como a medicina erudita e as práticas curandeiras, graças à “consolidação” da Físicatura-Mor,

[...] uma instituição que vigorou de 1810 a 1830 e que representava/aglutinava os membros do exercício da função médica. De fato os médicos pertenciam ao escalão mais alto e os curandeiros a um nível inferior, entretanto, o simples fato de ambos se encontrarem em uma mesma associação já representava um fato *sui generis* na história da medicina do Brasil (MOLAR, 2012. p. 307).

Contudo, percebe-se desde então um “enquadramento” dos dois profissionais, requisitados assim para o atendimento. Porém, há divergências que afloram no momento em que os médicos são considerados “superiores” a qualquer outra forma de cura exercida pelos curandeiros. Mas apesar de toda essa condição imposta socialmente, nota-se que as consultas com os curandeiros foram permitidas e realizadas amigavelmente.

Existiam algumas figuras entre os curandeiros predominantes na Paraíba, que cabe destacar pelos seus métodos particulares diferentes e inusitados. Dentre tantos, voltamos a citar alguns: *Joana Pé de Chita*, *José Côxo*, *Mestre Euclides*, *Maria Archanja*, considerados "estrelas de primeira grandeza" (CASTRO, 1945), por realizarem seu próprio método de cura. Alguns desses métodos bastante peculiares, outros mais extravagantes, apelando inclusive ao sobrenatural,

[...] o método utilizado variava muito. Uns aplicavam raízes de plantas medicinais, como a japecanga, a caninana ou a jurubeba; produtos de origem animal, como raspas de cascos de jumentos, carapaças de crustáceos ou óleo de baleia, e outros invocavam espíritos protetores e ainda alguns, aplicavam rezas fortes, ou descambavam para feitiçaria (CASTRO, 1945, p. 282).

Aqueles que desejavam a cura de um amor, ou coisas do tipo, Mestre Euclides, era o procurado para tais simpatias, além de praticar feitiçarias e demais fins amorosos, também utilizava de rezas vigorosas, com o direito a aclamar o nome de santo(a)s nas orações. Tudo era possível e imaginável para os charlatões se apoderarem e enganarem as humildes pessoas que acabavam por se iludir. Outros famosos bem conhecidos eram os sacerdotes, que

utilizavam da homeopatia, onde “aconselhavam com prudência e mandando que os clientes procurassem os médicos, tornando-se assim excelentes auxiliares” (CASTRO, 1945, p. 284).

Praticamente, todo o corpo médico se opunha a prática do charlatanismo, a exemplo do médico Tito Mendonça, conhecido também como o “caçador de charlatães”, não hesitava na oportunidade de conter de alguma manifestação de charlatanismo, que para o mesmo afetava e prejudicava radicalmente os rumos da medicina e o atraso em que a mesma se encontrava, seja para ele, como com os outros médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba, reivindicavam aos poderes públicos decisões mais punitivas. O mesmo tem sua própria visão e definição do charlatão, ao mesmo tempo em que ver a população quando passa a procurar por tais consultas, são colaboradoras também da possibilidade de expansão e popularidade, que lhe eram concedidos aos charlatões.

O médico “caçador de charlatães” pintava com as cores do “charlatanismo” toda e qualquer prática terapêutica ou preventiva que não tivesse sido prescrita por um clínico diplomado, baseado no saber da medicina científica. Qualquer prática de cura alternativa a este modelo era pejorativamente representada como “charlatanismo”. O discurso “científico” de Tito de Mendonça extrapola a definição do senso comum para “charlatão”: um embusteiro, que lucra com a doença dos outros vendendo curas milagrosas. Para este médico, “charlatães” são todos os que não possuem um diploma de uma Faculdade de Medicina e, sem estarem disciplinados pela formação médica, insistem em receitar e prescrever (SANTOS, 2015, p.136).

Mas será que a população paraibana cabia a ela toda essa responsabilidade, seja da culpa, seja do atraso, já que se existia a categoria de charlatão, enganadores, aproveitadores da boa-fé, que eram buscados pelas pessoas? Será que toda a culpa da falta de progresso, estava por causa de sua existência? Mas o certo que as pessoas de fato deixam-se influenciar pelos mesmos, quando acreditavam nos seus meios “curatórios”, sem falar no comportamento higiênico dessas pessoas, que não eram dos mais tersos.

Existia um grande obstáculo ao melhoramento do estado de saúde da população local: os próprios “paraibanos”,

categoria de difícil precisão, mas frequentemente associada à noção de “pobreza”, representados pelo saber médico como pessoas cheias de hábitos anti-higiênicos e nada saudáveis, tão ignorantes das regras da boa saúde que chegavam a resistir aos benefícios que a medicina científica poderia lhes proporcionar (SANTOS, 2015, p.136).

Mas para a sociedade paraibana, a convivência com os curandeiros era considerada “normal”, já que “era natural que os curandeiros existissem em maior número, no tempo em que a medicina dava os primeiros passos”. (CASTRO, 1945, p. 279). Diante disso, não havia estranheza, ou aversão, pelo menos num primeiro momento, pelo contrário, as consultas foram se tornando habituais. As diferentes e diversas técnicas usadas por esses práticos chegavam a algumas vezes a ultrapassar as expectativas. Grande era a criatividade na hora de usar seus métodos, seja para a consulta, ou para o receituário.

Um deles, por exemplo, usavam a estranha técnica em sua “arte médica”: indagava se o doente “dava de copo”, se tinha alguma “cólica no estomago”, se sofria de espinhela”, e depois lançava a mão de um fabuloso arsenal terapêutico constituído de alguns produtos medicamentosos, como óleo de rícino, sulfato de sódio ou mesmo um sal de quinino (CASTRO, 1945, p. 280).

De certa forma, esses práticos foram bastante importantes, seja pelos curandeiros, que ajudaram na cura, e deixaram hoje seu legado nas formas de tratamentos concedidos.

Não cabia apenas aos curandeiros, o uso de plantas medicinais para a fabricação de remédios caseiros, isso advinha de muito tempo atrás, quando antigamente as pessoas desenvolviam em suas próprias casas, um espaço reservado a pequenas farmácias, que passavam a utilizar dos benefícios que a natureza proporcionava, por isso, “as infusões caseiras constituíam vasta terapêutica e utilizavam raízes medicinais, as mais diversas”. (CASTRO, 1945, p. 321). Outros importantes auxiliares para terapêutica popular eram os chás, que costumam ser tomados frequentemente, como forma de proporcionar alívios e até mesmo curar, certas doenças. Não apenas os chás, como o conhecido leite ferrado: “além dos chás, o leite ferrado fez sua época. O seu uso curou muitas crianças vítimas do “puchado”, anemias ou simples desnutrição” (CASTRO, 1945, p. 321).

Deste modo no decorrer do tempo, houve uma mudança no local e por quem eram feitas esses medicamentos caseiros. Saindo das casas, indo para as ruas, como as conhecidas “farmácias ambulantes”: “ainda hoje são encontrados pelas feiras, estendidas em longos encerrados, verdadeiras boticas de folhas, raízes, frutos, entrecascos de plantas medicinais e produtos outros, de origem animal ou mineral” (CASTRO, 1945, p. 323).

As terapêuticas sempre estiveram por presentes no dia a dia paraibano, isso deste o período dos Oitocentos. Cabendo assim destaque para algumas, como a homeopatia, terapêutica criada por Samuel Hahnemann, e que consistia em:

[...] o tratamento homeopático emprega esta ação secundária (reação vital) do organismo como resposta terapêutica, administrando aos indivíduos doentes as drogas que causam sintomas semelhantes nos indivíduos sadios (*similia similibuscurentur*), com o intuito de despertar uma reação vital curativa do organismo contra seus próprios distúrbios, restabelecendo o “estado normal de saúde” (TEIXEIRA, 2013, p.185).

Praticadas por ilustres homeopatas, inclusive aqui na Paraíba atuou o padre doutor João do Rego Moura, o qual tinha boas referências e muito querido pela população, além de exercer também outro ofício, “homem culto, o padre Moura também advogava, e seu nome está ligado a história Maria Umbelina, a qual provocou o rumoroso caso da ressuscitada” (CASTRO, 1935; p. 297). A distribuição de manuais, para a poluição, possibilitando a busca mais precisa dos homeopatas, “e quem acorria apelando ao humanitário homeopata, se entregava um copo quase meio d’água onde caria a tintura, limpo bem limpo e bem fechado, a papel branco, que parecia se agarrar como se fosse coisa viva, aos bordos que ficavam bem fechados” (CASTRO, 1945, p. 294).

Na Paraíba, bem como em todos o Nordeste do Brasil, foram numerosos os casos de curandeiros, parteiras, benzedeiros, homeopatas, farmacêuticos e charlatões que se dedicaram a arte de curar em tempos que médico era artigo raro. Parte desses homens e mulheres, costumavam tratar das “doenças de feitiço” como chamou André Luís Lima Nogueira (2016, p. 15), não porque lançavam-se feitiços sobre as pessoas, mas porque não se tinha o conhecimento

científico de determinadas enfermidades, daí a associação ao feitiço. O fato é que esses curadores utilizavam de um amplo repertório de práticas como

[...] esfregações, sangrias, orações, beberragens, cânticos e danças, adivinhações... que moviam, igualmente, um extraordinário aparato material: ervas, folhas e raízes, panelas, búzios, instrumentos cortantes, chifres, amuletos, objetos devocionais católicos como imagens de santos e crucifixos (NOGUEIRA, 2016, p. 15-16)

Práticas populares, diretamente associadas a natureza e a religiosidade. É nesse quadro que incluímos a atuação do curandeiro/farmacêutico José Fábio e sua técnica: a *lymfoterapia*. Sua fama correu a Paraíba e cruzou os limites geográficos do estado. Tratava-se do homem que curava com saliva. Realizava milagres. Promovia peregrinações. Salvava da morte. Aniquilava a doença. Sua prática de cura foi considerada inusitada e pouco casual para época, mas desempenhou um destaque importante na história da cura na Paraíba. Para tanto, dedicamos o capítulo seguinte a análise da figura do Major Fábio e sua arte de curar com cuspe.

Capítulo II

A cura por meio da vacina de cuspe: José Fábio e a lymfoterapia

Corre nas lembranças do brejo paraibano as histórias de cura realizadas por José Fábio da Costa Lira, considerado “célebre farmacêutico e prático”, autor de “um processo a que se atribuem curas assombrosas” (*A Noite*, 11 ago. 1936). José Fábio era residente do município de Bananeiras, localizada no brejo paraibano, conhecida por seu clima frio. O farmacêutico se transformou em uma “figura ilustre”, muito famoso e requisitado graças à fabricação e venda de vacinas caseiras. Essas vacinas, produzidas em seu local de trabalho – a farmácia – continha uma substância intrigante: a saliva. Esse fato, levou-o a ser acusado pelos médicos da época como um charlatão, especialmente no momento em que se perseguiram os práticos curandeiros.

Sua fama corria longe, impressionava. É o que afirma Oscar Oliveira de Castro (1945, p. 285): “o método do farmacêutico e prático José Fábio, não impressionou só as massas, como chegou a abalar a responsabilidade profissional de alguns médicos”.

Mas afinal o que José Fábio tinha de tão inovador para uma medicina paraibana em desenvolvimento? As famosas vacinas feitas com saliva de crianças sadias, fez com que essa prática da medicina possibilitasse a cura de muitas pessoas diagnosticadas, principalmente com diversas doenças. O jornal carioca *A Noite*, publicou na edição de 11 de agosto de 1936 a lista de doenças que era tratadas pela vacina de cuspe: “tuberculose, lepra, câncer, diabetes, boubá e numerosas outras moléstias”. Obter a cura para suas mazelas fez com que crescesse a procura da vacina. Para tanto, registravam-se relatos de cura. Dentre esses registros, a maioria contida em suas obras: *A lymfoterapia (razões, fatos e curas)* e a *Da lymfoterapia do Phisyo- Psychismo*. Vejamos o relato de uma mulher que foi sua paciente:

[...] já não havia receio de abcesso porquanto, agora o líquido é esterilizado em velas muito fechadas, de sorte que a segurança é perfeita. Está agora na 6^o injeção. O cansaço passou, o coração aumentou a amplitude de bulhas, as carótidas batem normalmente e o pulso, largo e

mais demorado, atesta uma nova força de impulsão no sistema enervativo. Não há mais a metrorrogiã, o que o ferro e o arsênico não conseguiram fê-lo a lymphã, extraída de uma moçoila forte e sadia. Já se acha corada, voltou ao apetite e um novo viço açomou a pele da face. (CASTRO, 1945, p. 287. Grifos meus)

Notícias como essas se espalhavam. Ela revela o “poder de cura” da lymfoterapia: Após a sexta aplicação, a vacina havia resolvido quase todos os problemas de saúde, a exemplo do cansaço, a normalização do ritmo cardíaco, melhora no bem estar da pelo e do corpo. Bastava retirar saliva de moças belas e sadias, submeter ao método farmacêutico e tudo parecia ser curado. Outro caso relatado por Oscar Oliveira de Castro (1945) conta-nos de uma senhora já de idade no qual se aplicou umas injeções tônicas. Muito enfraquecida estava seu sistema nervoso, a ponto de privá-la quase do exercício, tinha ainda edemaciados os pés, taquicardia, com pulsação radical elevada, batimento acelerado das carótidas, metrorragia e anemia profunda. Quase a descrição de um corpo em leito de morte! A princípio, mediante o estado de saúde da paciente, o farmacêutico José Fábio, tratou de indicar os cuidados médicos. Ao procurar um médico, conforme solicitado pelo farmacêutico, foi diagnosticada com problemas no coração nos rins. Após tratamento médico profissional, em nada melhorou o estado. Retornando ao prático, foi submetida as injeções de cuspe, e, rapidamente melhorou.

O curandeiro com o uso da técnica da *lymphoterapia* possibilitou a cura das pacientes citadas anteriormente, revelando-se um ponto primordial nos rumos da medicina, no que foi “o revolucionário método terapêutico utilizado pelo prático de Bananeiras” (CASTRO, 1945, p. 289).

Ora com essa habilidade, as injeções usadas nas pessoas além proporcionar a cura da tuberculose, também curaria doenças do coração, fígado, rins, ou de quaisquer outros órgãos possíveis de sujeição dessa prática terapêuticas. Contudo, José Fábio, afirmava que

[...] quando a ciência médica convence-se de que a therapeutica das drogas é mais ilógica que a lymphoterapia, procurará e dissertara as cortinas desse novo sistema. Antes porém, eu convido aos que instigam, e sobretudo aos doentes que não percam tempo. A estes últimos, não esperem para quando o organismo não poder mais reagir. Lembrem-se que *a primeira injeção marcará o*

começo da cura. Experimentem e verão as crises atenuadas da moléstia aparecerem para o conforto das esperanças (CASTRO, 1945, p. 289).

A ideia de imunização da cura, na maneira de como José Fábio fazia suas vacinas caseiras e encontrava na saliva anticorpos que higienizava o corpo. Essa ideia de imunização já estava sendo empregada na Paraíba dentre o século XIX e início do século seguinte. Existia um discurso higienista para a sociedade. Esse discurso estava calcado na ideia de limpeza das cidades, das casas e dos corpos, porém há um segundo discurso que foi levado para um ambiente privado, passou a ser considerado o primeiro lugar em que a higiene seria desenvolvida: nas escolas.

O Brasil adoecia. Metaforicamente, tornava-se um “imenso hospital”. Daí a necessidade de iniciar um grande movimento higienista em todo território nacional. O objetivo era transformar o Brasil num modelo civilizatório e para atingir tal posto, o primeiro passo era combater as doenças decorrentes dos grandes surtos de varíola, cólera, as epidemias da peste bubônica e a gripe espanhola que se alastravam pelo país.

A limpeza das ruas, das casas, a reconfiguração do ambiente escolar, tudo era necessário para que acabasse com a transmissão pelo contágio principalmente da varíola, nesses ambientes de maior insalubridade, sejam nas escolas e nos espaços urbanos, que segundo Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano (2015, p. 149):

[...] com o intuito de regulamentar e disciplinar essa população, normatizações de natureza médico-higiênica foram utilizadas pelos poderes públicos, um instrumento para fundar uma sociedade ordeira, instruída, hígida, civilizada. Assim, na primeira metade do Oitocentos, uma legislação passou a prescrever normas, oriundas da ordem médica, para o incipiente mundo escolar.

Os contágios eram contraídos por qualquer falta de higiene que fosse, desde ao contato de um indivíduo com o outro, pela saliva através do beijo, e o beijo não era apenas privilégios dos enamorados, mas se houve o contato com a face da pessoa seja pelo beijo de familiares, também era um risco. O aperto de mãos, poucas vezes higienizadas, seja pelo contato corporal, tudo que não

provinha da higiene, do limpo, eram motivos suficientes para encurtar a transmissão das infecções e das doenças.

O ambiente na Paraíba imperial estava enquadrado em um lugar propício à proliferação de doenças, e contágio seja pela água suja, seja pela falta de higiene da população, nas ruas, em casa, nas escolas, seja pelos maus hábitos da população, pois,

[...] tudo era sujo. Tudo portava a imundície. As doenças estavam presentes por todos os lados: no ar, na água, nas roupas, nos móveis, nas casas, no dinheiro, nas comidas, no corpo, no rosto, na boca, no dinheiro, nas comidas, no corpo, no rosto, na boca, no beijo. Não temos notícias de como a população recebeu essas formas de conduta, muito menos se foram postas em prática. Mas sabemos que o discurso está inserido dentro de uma educação hígida do corpo que começa a ganhar espaços nos jornais que circulavam pelas ruas da capital. Educação que lança os hábitos, que regula os comportamentos e que se passa a abominar tudo que é considerado imundo (SOARES JUNIOR, 2015, p.133).

Portanto, há todo um aparato médico sanitaria e pedagógico, onde passa a formular todo um discurso higienista, voltado para as cidades, e um discurso privado que é voltado para as escolas.

Apesar da modernidade que ganhava fôlego mundo afora, a limpeza de ambientes sujos e infectados e a cura das moléstias e a implementação de uma educação sanitária ainda estava um pouco distante do que descrevem os relatórios acerca da higiene e saúde pública na Paraíba. O que era destinado aos doentes, em tempos de epidemias, era a exclusão. Uma ideia de exclusão, onde este doente, era tirado de seu lugar social e levado para um exílio, permanecendo lá, até que pudesse ser sanado o mal.

Um tipo de medicina que Michel Foucault (1979, p. 88), chamou de “medicina da exclusão”, pois, “o mecanismo de exclusão era o mecanismo de exílio, da purificação do espaço urbano. Medicalizar alguém era mandá-lo para fora e, por conseguinte, purificar os outros”. Isto designava-se aos doentes com lepra, e aos infectados pela peste. A versão aos leprosos, permitiu que medicina criasse dois modelos com base nesses indivíduos, onde: “Houve fundamentalmente dois grandes modelos de organização médica na história ocidental: o modelo suscitado pela lepra e o modelo suscitado pela peste.”

(FOUCAULT, 1979, p. 88). Modelo adotado na Paraíba desde meados do século XIX com as epidemias de Cólera e Febre Amarela na capital, com a Peste Bubônica em 1912 na cidade de Campina Grande, com a Influenza Espanhola na cidade da Parahyba em 1918, com a varíola nas mais diversas cidades e épocas. Lazareto foram construídos afastados das cidades para abrigar os corpos adoecidos.

Tratava-se de uma medicina, considerada a época como bem feitora da pátria, capaz de usar mecanismos criados a partir do lugar, onde a proliferação emana e das pessoas em especial. Já no século XVIII, esse mecanismo passa a provir de um outro sistema que é o sistema de vigilância, pois conforme Michel Foucault (1979, p. 89),

[...] a medicina urbana com seus métodos de vigilância, de hospitalização, etc., não é mais do que um aperfeiçoamento, na segunda metade do século XVIII, do esquema político-médico da quarentena que tinha sido realizado no final da Idade Média, nos séculos XVI e XVII.

Esse modelo de medicina foi utilizado em especial nas cidades de grande porte, numerosa em termos populacionais. Nas cidades do interior, os doentes acabavam permanecendo junto a seus familiares, e, sob os cuidados de curandeiros, rezadeiras e farmacêuticos. Foi numa dessas cidades interioranas que José Fábio ganhou fama.

A publicação do jornal *A Noite*, em 11 de agosto de 1936, apresentou uma matéria sobre o farmacêutico José Fábio, com o título de “Vonoroff brasileiro”. Já na capa da edição, estava estampado o chamado: “A NOITE descobre no interior da Parahyba, o autor de um processo a que se atribuem curas assombrosas”. José Fábio tornava-se alvo dos noticiários, com grande popularidade deste então, devido a suas “experiências” ter realizado a cura pelo cuspe.

A palavra *Voronoff*, como conta no jornal *A Noite*, faz uma referência a José Fábio associando-o ao médico e cirurgião Serge Voronoff, famoso por desenvolver o método segundo o qual proporcionaria o rejuvenescimento, no qual o seus procedimentos: “envolvia um transplante ou enxerto, no qual a glândula danificada seria trocada por outra, nova e em perfeito funcionamento” (*Revista de História*, 2008, p. 3). Este método no qual usava das glândulas de

primatas, como dos macacos, para ser transplantadas no homem ou na mulher, pois Serge Voronoff:

[...] acreditava que o elixir da vida era produzido pelas glândulas de secreção interna, mais especificamente pelas glândulas sexuais, e que a velhice e a decrepitude eram resultado do mau funcionamento destas” (*Revista de História*, 2008, p. 3).

Segundo a *Revista de História*, o doutor Serge Voronoff, usava as glândulas desses primatas, graças a falta dessas mesmas glândulas em seres humanos. Assim, os primatas tornavam-se doadores de glândulas para homens e mulheres. Vale ressaltar, que de acordo com a notícia, existia todo um cuidado com esses animais, em que Serge Voronoff criou um espaço especial que recebiam os macacos para a realização do tratamento: “Serge Voronoff montou em Menton, próximo a Nice, um ‘macacário’. O local reunia maternidade, laboratório e hospital, com alimentação adequada e todos os cuidados necessários para a manutenção dos primatas” (*Revista de História*, 2008, p. 2-3).

E ainda segundo Leonardo Fabiano Sousa Malcher (2007, p. 68):

Apesar dos experimentos, feitos por Voronoff, terem se tornado conhecidos e polemizados com a enxertia de tecido testicular de macaco para o homem, o médico realizava vários experimentos em ovelhas, cavalos, mulas e entre macacos, alguns destes exemplos são mostrados em um de seus livros, bastante ilustrado, e com diversas fotos intitulado “Greffes Animales. Six applications utilitaires au Cheptel”, de 1925. Os experimentos de Voronoff eram postos à prova em diversas partes do mundo, e chegavam ao Brasil através dos jornais de circulação e divulgação médica, como relatado pelo jornal *A Folha Médica* de 15 de Dezembro de 1928 a partir do artigo *Archiv für Klinische Chirurgie* de 15 de Maio de 1928 e realizado pelos Drs. L. Schoenbauer e F. Hogenauer.

Ao chegar ao Brasil, muitos médicos de início, rejeitaram os experimentos de Serge Voronoff, para esses esculápio, não surtariam o efeito verídico que tanto ele afirmava. Mas depois pôde-se constatar que eram supostas presunções. O que se verificou foi que, “as inovações que este trazia, haviam sido no mínimo mal interpretados, causando furor na classe médica brasileira” (MALCHER, 2007, p. 70). E ainda foi certificado que: “[...] a operação de Voronoff

não passou ao largo de numerosas especulações, de mal entendidos e de uma certa repulsa por médicos brasileiros (MALCHER, 2007, p. 70).

O método de José Fábio era tão rogado pelos moradores da Parahyba, que até virou manchete de jornal da época. O jornal *A Noite* se disponibilizou para a realização de uma matéria, na qual comparava o método do farmacêutico com o método do notável médico Serge Voronoff. Mas o que difere o método de José Fábio de Serge Voronoff? Bom, fica claro que ambos almejam com os seus métodos a tão sonhada fórmula para o rejuvenescimento, já que o método do major Fábio, estimulava também uma: “[...] velhice mais sadia e mais alegre”. Claro, sem falar na autoestima, bem estar, e principalmente a bendita cura.

José Fábio tinha noção que sua prática era ilegal perante a medicina, mas mesmo assim continuou a produzir suas vacinas, alegando que as mesmas efluía a cessação da doença. Por isso, as pessoas não deixavam de fazer uma visitinha na sua farmácia: “[...] o método de José Fabio, [encontrou] credulidade fácil de boa parte da população, e no imperecível anseio da longevidade e imortalidade [...]” (*A Noite*, 1936, p. 9). O farmacêutico adquiriu a confiança das pessoas, que depositaram nele suas expectativas de cura. José Fábio brilhou e inovou, suas contribuições serviram de espelho para uma nova visão das práticas populares. Porém, também sofreu perseguição, foi logo acusado pelos médicos locais de ser um charlatão, pelo fato de não possuir diploma em medicina, atuava ilegalmente. Conforme Ramalho Leite (2016, s/p), o farmacêutico foi

[...] proibido de exercer suas experiências na Paraíba. O major José Fabio da Costa Lira (naquele tempo em Bananeiras todo ilustre era major) mudou-se para Serra Negra, no Rio Grande do Norte. Em pouco tempo, a categoria médica local agiu contra sua atividade.

Mas reconhece e assume que não está agindo conforme a lei, e ressalta: “sei que venho agindo fora da minha profissão, pois não sou médico, mas compreendo também que a sciencia não pode ser patrimônio de uma classe e não seria, portanto por falta de assistência que eu deveria recuar” (*A Noite*, 1936, p. 9). Apesar de toda a perseguição sofrida por ele, a sua lymfoterapia atraiu diversas pessoas, de diferentes lugares do Nordeste, onde “doentes de toda parte vinham pedir arrego na Farmácia de Zé Fábio”. Proporcionando efeitos milagrosos, pois conforme Oscar Oliveira de Castro (1945, p. 285) “em virtude

de suas curas milagrosas, a antiga cidade do Brejo transformou-se em verdadeira Méca, para onde aflui incalculável número de doentes, de João Pessoa, Recife, Natal e Fortaleza”. É o que também afirma o jornal *A Noite*: “o modesto farmacêutico do interior que é procurado por doentes da Capital, de Natal e de Recife”.

O que possibilitou José Fábio a chegar à ser enquadrado na categoria de charlatão foi o fato de atuar sem consentimento, sem ao menos expor uma formação. Mas não querer dizer, conforme a população local, que isso o denomine de fato como um charlatão, pois foi sua genuína atuação, tão quanto seu método mostrou-se eficaz e satisfatório, naquele período, tanto que lhe era atribuído as mais sinceras qualidades e elogios. Era visto como um homem bom, íntegro, José Fábio foi considerado está à frente de seu tempo:

[...] reside nesta cidade o Sr. José Fábio Lyra, há trinta annos, precisamente, estabelecido em uma pharmacia, onde exerce sua actividade, solícito e honesto, attendendo quantos lhe reclamam os serviços profissionais. Já encanecido pelos annos, gosa, aqui e nas localidades vizinhas de muita estima e popularidade. De hábitos recalçados e modestos, pobre de fortuna, porém communicativo, e satisfeito, revela, todavia, um espirito lúcido e forte de reservas para a vicissitudes da vida. Dir-se-ia mesmo um homem superior ao meio em que vive (*A Noite*, 1936, p. 9).

Era considerado fabuloso o seu método e a forma como era confeccionada. Salvar vidas, livras as pessoas das moléstias, representava algo que ia mais além do que o concreto, pois as pessoas tinham fé, e, era essa mesma fé, que depositavam em sua prática. Mas como tirar da saliva a formula para a bendita cura? Como José Fábio, pôde transformar algo que estava fora do comum, e, simplesmente solucionar e dar um fim a determinada enfermidade? O farmacêutico, logo após ceder entrevista para o jornal *A Noite*, na edição de 11 de agosto de 1936, explicou os procedimentos e princípios de seu magnífico método e o mais importante, para quem ministrava a sua “voronoftherapia”, como ele denominava,

[...] é um systema novo de curar as moléstias. Baseia-se na transmutação do princípio vital que afflora de certas glandulas de creanças e menores, desde que estejam sãs, para as pessoas doentes, isto é para aquelles, cuja energia orgânica esteja perturbada, diminuída ou esgotada (*A Noite*, 1936, p. 9).

José Fábio não conseguiu criar seu método assim tão fácil. Levou anos de estudos para chegar a fórmula final da vacina. Em 1913, ano que ainda vigorava a Lei Rivadávia Corrêa⁴ que protegia a liberdade profissional, o prático desenvolveu a tese da habilitação sobre o tratamento hydroterápico da febre typhoide, assim, no decurso desse estudo, o farmacêutico chegou as primeiras conclusões daquilo que viria a ser o sistema lymfoterápico. Muitas de suas reflexões estão em contidas em seus livros, (alguns já citados anteriormente neste mesmo capítulo) onde “fazia várias observações sobre a gênese das moléstias do corpo e do espírito” (*A Noite*, 1936, p. 9). José Fábio, informa em suas obras, como medicou os infectados com tuberculose, após tratar dos doentes, lembrando que o mesmo afirmou que as pessoas sãs não sofriam em nada logo após submetidos as injeções, porém são apenas aqueles que sofreram com o contágio, neste caso com a tuberculose, quando eram sujeitados ao tratamento. Vejamos o relato:

Tuberculosos experimentam dores, dias após, nas zonas do pulmão affectado. Certas enfermidades curadas há 5 ou 6 annos volvem atenuadas. E, assim em cada órgão, em cada víscera. em cada parte do corpo onde houve uma lesão, ou que se esteja a formar. Há uma sensação de allívio um princípio e fim de cura, que, ou vem de acompanhada de febre, ou de dores, ou de prurido com formação de novas hematias, ou então por augmento de secreção glandular interna, de vivacidade, vigor e força. (*A Noite*, 1936, p. 9).

A cura para a diabetes era quase que garantida por José Fábio. No tratamento dessa doença, pode-se observar que, “[...] consegui reduzir o assucar num diabético a mais da metade, levantar-lhe as forças, dissipar-lhe a catarata a abater a febre do enfermo” (*A Noite*, 1936, p. 9). A fala do prático não revela a cura da diabetes, mas provavelmente, a redução das complicações provocadas pela diabetes, fato para época, considerada um tipo de cura.

José Fábio não desaminou perante a sociedade, continuou atuando com o método lymfoterápico, apesar de toda a rejeição do campo médico paraibano.

⁴ A Lei Rivadávia Corrêa, ou Reforma Rivadávia Corrêa, Lei Vegetal do Ensino Superior e Fundamental, foi implementada em 5 de abril de 1911, pelo decreto nº8.659 e, na Escola Profissional pelo decreto 838, de 20 de outubro do mesmo ano. Proporcionava total liberdade aos estabelecimentos escolares, tornando a presença facultativa e desoficializando o ensino.

O que lhe trazia alegria e coragem para continuar, era a satisfação em ter suavizado as dores dos que mais precisavam: “[...] quando o desprezo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba se tornou mais forte, foi que em mim despertou nova reserva de ânimo para ir avante” (*A Noite*, 1936, p. 9). Continuando ele mesmo declara: “[...] já me compensam as emoções de ter com o meu methodo alliviado alguma dores humana” (*A Noite*, 1936, p. 9).

No ano de 1932, José Fábio pôde abraçar uma oportunidade única, de mostrar seu trabalho para a *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, quando o mesmo escreveu um memorial, para ser analisado pelos seus representantes. Crente que iria assim receber um reconhecimento no meio médico local, uma ratificação de seu método, e, que assim seus esforços fossem levados em consideração. O resultado não foi o esperado. Apenas conseguiu um simples um cartão ignorando-o por mais uma vez não constar de diploma algum.

Foi uma tentativa fracassada. [...] mezes após, em vez de uma promissora oportunidade que eu almejava, de ser chamado a defender os meus escriptos, recebia um laconico cartão, em que me dizia que a sociedade deliberara por unanimidade não toma conhecimento do “memorial” por não ser de autoria de pessoa diplomada” (*A Noite*, 1936, p. 9).

Porém, um certo reconhecimento chegou mais adiante, quando em um hospital da cidade de Campina Grande, o farmacêutico, em um momento especial de sua vida, pode explicar para os médicos de lá, seus escritos:

[...] pouco depois de uma rápida visita que fiz ao hospital Pedro I, na prospera cidade de Campina Grande, tive o ensejo de ler as minha observações em presença de oito médicos ilustres, sem sofrer nenhuma hostilidade da parte dos mesmos (*A Noite*, 1936, p. 9).

O campo médico não viam determinadas técnicas praticadas por pessoas consideradas curandeiras com bons “olhos”. Ora, se antes a quantidade de médicos era parca, com o início do século XX, a demanda passa a ser maior, passa a se profissionalizar a profissão médica, passando a existir agora um número maior de médicos em exercício. Fechando o círculo para os práticos, proibindo os mesmos de transitarem. A modernidade emanava consigo um ar de

sofisticação, e, os curandeiros estavam excluídos dessa ideia que se emergia, desse meio moderno que surgia e que limitava o espaço de onde esses práticos faziam os seus atendimentos.

O número de pessoas atendidas por José Fábio, vinha obtendo um aumento constante. Além dos tuberculosos, o alvo de combate da sua lymfoterapia, destinava-se aos diabéticos, não só na Paraíba, mas em outros Estados, fortificando a sua presença marcante. Em suas observações, consta que:

No ano de 1934, registrei 33 casos. Em 1935, o número elevou-se a 104 e de janeiro até junho deste ano, já realicei 112 observações, plenamente sancionada pelo aplauso das pessoas curadas dentro deste Estado, Pernambuco e Rio Grande do Norte (*A Noite*, 1936, p. 9).

Ramalho Leite, jornalista e escritor do município de Bananeiras, em uma de suas crônicas, intitulada *O Voronoff brasileiro surgiu em Bananeiras*, revela a nacionalidade de José Fábio, bem como a informação de que o mesmo fazia parte, ao possuiu um cargo na política, em que teria sido prefeito na sua cidade natal: “[...] major José Fábio da Costa Lira, farmacêutico em Bananeiras mas nascido em Umbuzeiro, onde foi prefeito municipal”. Título este que teria conquistado graças a suas amizades políticas, em principal com o coronel Antonio Pessoa “[...] a quem chamava de Toinho, foi por ele escolhido prefeito de Umbuzeiro” (LEITE, 2016, s/p). Seu contato com políticos de grande relevância no cenário estadual era bastante salutar, prova disso foi a apresentação de um de seus livros ter sido escrita pelo Dr. Solón de Lucena, no ano de 1924, momento em que ocupava o cargo de Presidente do Estado da Paraíba.

Ao recolhermos informações de pessoas residentes da cidade de Bananeiras sobre o farmacêutico José Fábio, descobrimos que o referido prático professava o espiritismo, fato que o ajudava nas reflexões: “[...] tenho idéias espíritas, mas, que em tempo algum as empreguei para a cura do corpo e sim para as do meu espírito” (LEITE, 2016, s/p). José Fábio, era proprietário de uma farmácia, onde eram fabricadas e vendidas às vacinas para a população doentia. O farmacêutico também possuía em cidades vizinhas, como em Solânea, onde teria levado grande parte de seus escritos quando se mudou para lá por causa

das perseguições. Outros relatos segundo informações de alguns moradores da região as pessoas ressaltaram que o mesmo vinha de família rica, bem reconhecida entre a classe média. José Fábio também era conhecido por *Major Zé Fábio*. Era na farmácia onde o curandeiro reunia algumas crianças saudáveis e pediam para que elas cuspissem em uma bacia. Daí, era retirado o ingrediente principal para a vacina. A “vacina de cuspe” como era conhecida tinha o poder de curar, doentes com tuberculose, câncer, lepra e diabetes eram objeto de tentativas de curas pelo método que denominou lymfoterapia.

Mas afinal, as famosas vacinas de cuspe, possuía uma quantidade exata de injeções para serem aplicadas nas pessoas? Quais pessoas, mesmo infectadas poderiam tomar a vacina? Não é sábio até que ponto foram injetadas as vacinas, ou o número de pessoas que a receberam, ou ainda a quantidade na dosagem. Também não se sabe ao certo, até que ponto o líquido da vacina era introduzido nas pessoas, se havia algum limite de aplicações. O que pudemos descobrir foi através de alguns apontamentos deixados por José Fábio:

[...] variam muito a dosagem e o espaço de uma ou de outra injeção. Em regra basta uma aplicação em moléstias recentes: o resultado é benéfico a todos. Nenhuma contradição, nem mesmo no termo das moléstias fataes (*A Noite*, 1936, p. 9).

Escassas ainda são as fontes, principalmente em relação ao tempo. Até o presente momento, não tivemos acesso aos livros escritos pelo farmacêutico, também não encontramos pessoas vivas que foram atendidas (e curadas) pela vacina do cuspe. Nas crônicas de Ramalho Leite, nos deparamos com o depoimento de Deusdedith Leitão, relatando sua experiência com o prático:

[...] conta em “Inventário do Tempo” que era um jovem viajante e, na sua faina comercial, encontrou José Fábio em plena atividade em Lavras de Mangabeira, no Ceará. E tomou a “vacina de cuspe” por recomendação de sua mãe, crente dos resultados advindos da injeção “milagrosa”. Era o que ele chamava de salioterapia que nada mais era de que a saliva transformada num líquido injetável que se indicava a qualquer tipo de doença, explica Deusdedith (LEITE, 2016, s/p).

A arte de curar de José Fábio, estava na alma. Otimista de que sua lymfoterapia estava entre os melhores métodos de tratamentos possíveis, quiçá

o melhor já criado, não mediu esforços em classifica-la: “Seria immodestia assegurar, que a lymphotherapia seja um sistema complexo de cura, maximé quando muitos outros existem” (*A Noite*, 1936, p. 9). Vontade era o que não faltava para o farmacêutico, em legalizar seus remédios. Sua luta foi marcada em sua trajetória de vida e de experiência medicinal. José Fábio possuía nesse momento, conforme relatos, a “chave” e com ela abriria as portas para o progresso, numa sociedade ainda enferma e carente de medicalização. Porém nem tudo parecia estar correndo ao seu favor. As oportunidades pareciam se distanciarem visto que o mais importante no momento o mesmo não possuía. Só restava lamentar:

Imaginei que com a criação de institutos locais, onde o remédio pudesse ser preparado sob as vistas de um diretor, depois de um médico tivesse controlado o doador da lympho e o doente examinado, tudo fosse resolvido (*A Noite*, 1936, p. 9).

De fato, não foi. Outra técnica estava vigente durante o século XVI na Europa. Onde ficou conhecida como a técnica da variolização. A ideia de variolização em que consistia em retirar um líquido de determinada doença de uma vítima, no qual esse mesmo líquido era introduzido com a utilização de uma espécie de agulha que era mergulhada no pus do infectado para assim sanar as pessoas também diagnósticas com deliberada doença,

[...] os pacientes, geralmente crianças, eram puncionados com uma grossa e sólida agulha molhada de pus (...) Em poucas semanas os sintomas apareciam mais brandos. Se desse certo, a pessoa inoculada estaria livre de ser contaminada pela varíola (*Revista Aventuras na História*, 2016, p. 21).

A prática da inoculação que traz consigo a ideia de cura, agregada a partir do uso do pus variólico, que é retirado de uma pessoa já infectada, para ser injetado em outra vítima da mesma doença, no caso da varíola. Entretanto, ainda conforme relatos, nem sempre o feito dessa vacina era positivo, pois a prática da variolização apresentava o antídoto necessário a cura para a varíola, porém não eram todos os vitimados que conseguiam sobreviver ao procedimento, havendo graves riscos de morte. Para Sidney Chalhoub (1996, p. 103) “às vezes

causava a morte dos inoculados duas a três mortes em cada cem pessoas submetidas ao procedimento”, ou acabava por gerar também o agravamento da doença. Os risco de vida existiam, mas a fé e a crença na cura falavam mais alto, permitindo assim que mais pessoas acreditassem e se deixam passar por esses procedimentos.

Fica claro deste então, a existência no imaginário popular, num conjunto de práticas que já vinha de outros tempos remotos da humanidade, quando os práticos, ou curandeiros, acreditavam e ao mesmo tempo criaram um fanatismo refletivo que agregavam aos seus valores e crenças, e em procedimentos que poderiam de alguma forma permitir o alívio, e até mesmo a cura, pois acreditavam que o uso da mesma substância provocada pela doença acabaria por levar o fim da mesma, que segundo Sidney Chalhoub (1996, p. 102),

[...] a ideia da inoculação do pus variólico originou-se provavelmente da crença, presente nas tradições de medicina popular em várias partes do mundo desde a mais remota antiguidade, de que certas doenças podiam ser evitadas através da aplicação de material similar à moléstia que se queria prevenir tal aplicação poderia ser natural ritualística, ou uma combinação de ambas as coisas, como correu com frequência no caso da inoculação do pus variólico ou variolização.

Práticos hindus e chineses, também faziam uso desta mesma técnica. Cada um a seu modo. No caso dos hindus, usando de procedimentos similares, que empregavam de objetos pessoais dos doentes, que segundo eles serviriam de imunização, para outros indivíduos ainda não contaminados, fazendo a absolvição da moléstia, num procedimento que envolvia: “guardavam durante certo tempo as roupas contaminadas pelos variolosos para depois aplicar pedacinhos do seu pano sobre escarificações feitas intencionalmente na pele de indivíduos sãs (CHALHOUB, 1996, p.103).

José Fábio com bastante orgulho, confirmava a eficiência da lymptoterapia, assegurando que muitos doentes foram curados por ele. A eficácia estava no desaparecimento dos sintomas em pouco tempo. Bradava: “[...] poucos dias depois de applicada a vacinação lymphotherapica, para, em seguida, desaparecerem completamente, de um modo que os meus clientes chamam de prodigioso” (*A Noite*, 1936, p. 9).

Entender as diversos e espetaculares “dons” que esses homens da cura, traziam e levavam para milhares de pessoas, acarretou na transformação visivelmente na atuação em sociedade, possibilitando não apenas uma elevada contingente de seguidores e adoradores, como uma reviravolta no sistema médico vigente. Do início ao fim nem sempre existiu um mar de flores na vida desses práticos. De flores para espinhos, a uma perseguição exacerbada emanou e com ela vetou muito mais do que remédios, métodos e soluções, mas por fim não ofuscou o brilho daqueles que fizeram de corpo e alma, suas fórmulas “mágicas” a exemplo de José Fábio, e seu método, que ajudou tantas pessoas nesse caminho para a cura.

Se funcionava? Há relatos que sim. O mais importante nesse texto é o poder de narrar essa história da saúde e das doenças que até então, na Paraíba, estava presa as fontes até então não visitadas. Como José Fábio, existem outros práticos, curandeiros, benzedeiros, charlatões e mesmo profissionais médicos que precisam ser problematizados. Histórias que ainda precisam ser contadas.

Considerações finais

Aqui ressalto mais uma vez, da importância de José Fábio para a medicina paraibana, apesar das poucas fontes que relatam a sua experiência, pois grande parte dos seus documentos estão sob a posse de sua família, guardados a sete chaves, e, até o momento não tivemos a oportunidade de analisá-los. Grande parte da documentação sobre o método da lymfoterapia, desapareceu ou não se tem notícias ao qual destino levou. O que restou para a realização desse trabalho foram as notícias publicadas em livros ou em periódicos disponíveis para consulta.

O livro de Oscar de Oliveira Castro, *Medicina na Paraíba*, foi a base principal deste trabalho, onde encontramos em um de seus capítulos intitulado “O exercício ilegal da medicina”, em que o autor narra fragmentos da história de José Fábio e a *lymfoterapia*. O jornal carioca *A Noite*, também foi outra fonte fundamental na construção do trabalho, bem como algumas crônicas de Ramalho Leite publicadas em suas redes sociais. Fontes primordiais, nos possibilitou escrever a história do “farmacêutico” José Fábio Lyra.

No decorrer deste trabalho fizemos uma análise da medicina paraibana: como e por quem eram realizadas as práticas de cura? Foi assim que chegamos aos curandeiros e ao caso específico de José Fábio. A terapêutica popular se fazia presente no dia a dia dos paraibanos através de curandeiros, rezadeiras, benzedadeiras, farmacêuticos, práticos. Ser médico, na região do brejo paraibano era realizar cura. Dessa forma, a arte de curar nas primeiras décadas do vigésimo século, ficou a cargo dos práticos, graças aos parques esculápios que por ali medicavam.

José Fábio, ficou conhecido pelo “dom da cura”. Apesar de poucas chances de ascensão, o que restou para José Fábio, foi o atendimento aqueles que o procuravam e a satisfação em promover curas. O reconhecimento médico que almejava não veio. Portanto, teve de contentar-se com o reconhecimento popular.

Assim, pesquisar e escrever sobre práticas de cura na Paraíba, nesse caso, no brejo paraibano, foi fruto de um intenso trabalho de pesquisa que exigiu dedicação. Não conseguimos fechar as lacunas. Muito ainda precisa ser dito sobre José Fábio e seu método de cura. Inquietações que nos sugere outras pesquisas. Fontes trancadas que precisam ser reveladas. Respostas que gostaremos de responder, num outro momento.

Referências

- ALEXANDRE, Juciello Ferreira. **Representações do adoecer**: doenças epidemias na historiografia brasileira. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.
- AGRA, Alarcon do Ó. Relatos de Males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial In: _____. **A Paraíba no Império e na República**: estudos de história social e cultural. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 11-45.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTRO, Oscar Oliveira de. **Medicina na Paraíba**. João Pessoa: A União, 1945.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **Medicinas e curandeirismo no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- LEITE, Ramalho. **O Voronoff brasileiro surgiu em Bananeiras**. 2016. Disponível em: <http://www.blogdopedromarinho.com/?p=colunista&id=18>. Acessado em 03/06/2016
- LIMA, Valdir. Cultos afro-brasileiros na Paraíba: memória em construção. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**. João Pessoa, n. 2, 2010, p. 56-63.
- LUCAS, José Moraes; MEDEIROS, José Eymard M.. **Dicionário biográfico dos médicos da Paraíba**. João Pessoa: Grafique, 2014.
- LUZ, Madel Therezinha. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013. Disponível em <http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-classicos-da-saude-coletiva/aarte-de-curar-versos-a-ciencia-das-doencas-pdf>. Acesso em 08 jan. 2016.
- MALCHER, Leonardo Fabiano Sousa. **Aos cuidados de príapo**: impotência sexual masculina, medicalização e tecnologia do corpo na medicina do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **Educação pela higiene**: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886). João Pessoa: Ideia, 2015, p. 147-214.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Criminosos ou curandeiros?** Casos de curandeirismo em Ponta Grossa durante a década de 1950. Curitiba: Gim, 2012.

NOBREGA, Humberto. **As raízes da ciência da saúde na Paraíba.** João Pessoa: UFPB, 1979.

NOGUEIRA, André Luis Lima. **Entre cirurgiões, tambores e ervas:** calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (século XVIII). Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

O VORONOFF BRASILEIRO. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 8. 11 ago. 1936.

SAMBA DO CIENTISTA DOIDO. **Revista de História**. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/samba-do-cientista-doido>> Acessado em: 29/08/2016.

SANTOS, Leonardo Querido B. F.. **Entre a ciência e a saúde pública:** a construção do médico paraibano como reformador social (1911-1929). Campina Grande, 2015, 255 p. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos:** o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924). Rio de Janeiro: AMCGuedes, 2015.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. **Similia similibus curentur:** o princípio de cura homeopático fundamentado na farmacologia moderna. São Paulo, 2013.